



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 204

**GROUNDING THEORY E AS POSSIBILIDADES DA
PESQUISA NA COMPLEXIDADE DA AMAZÔNIA**

Josep Pont Vidal

Belém, Dezembro de 2006

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-reitor

Regina Fátima Feio Barroso

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Edna Maria Ramos de Castro

Diretor Adjunto

Thomas Hurtienne

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Luis Aragon

Francisco de Assis Costa

Oriana Almeida

Rosa Acevedo Marin

Sector de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 204

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

GROUNDING THEORY **E AS POSSIBILIDADES DA PESQUISA NA COMPLEXIDADE DA AMAZÔNIA.**

Josep Pont Vidal

Resumo:

O texto expõe o procedimento da pesquisa qualitativa interpretativa da *Grounded Theory*. O procedimento - teórico e metodológico - é analisado no marco da investigação multidisciplinar. Também se expõem as possibilidades que oferece este procedimento para a compreensão e construção teórica dos fenômenos da Amazônia. Expõem-se dois exemplos de pesquisas. No primeiro, analisam-se as relações trabalhistas e as estratégias familiares nos enclaves mineiros e metalúrgicos na Amazônia Oriental, a partir da confecção de um mapa das ações dos atores sociais. No segundo, analisam-se as relações entre varejo e indústria, a partir dos contextos cultural, econômico, social e competitivo destes setores.

Palavras-chave: Grounded theory. Pesquisa na Amazônia.

“A realidade é inimaginável”. Foi o que afirmou o Prêmio Nobel de Física de 2004, Frank Wilczek, ao fazer referência ao conhecimento do universo e ao papel da ciência moderna. Cada partícula mais elementar e a imensidão do universo estão intimamente relacionadas com a mesma lógica. Será que o conhecimento microssocial está intimamente ligado ao conhecimento macrossocial? Neste texto se expõe o procedimento metodológico da *Grounded Theory* como instrumento para se tentar estabelecer o nexos.

A *Grounded Theory* se converteu, nos últimos anos, num dos procedimentos mais estendidos da pesquisa qualitativa interpretativa nos centros universitários de vários países. Entretanto, não se pode falar da mesma forma entre a academia brasileira. As primeiras investigações apoiadas no procedimento da *Grounded Theory* datam da década de 90 e se centraram em áreas epistemológicas muito concretas, tais como gerência da saúde e da enfermaria e as mudanças na administração pública. Posteriormente, estendeu-se o campo de pesquisa para outras áreas de conhecimento, tais como estudo da comunicação das organizações e modelos de relações industriais, entre outros. É necessário se fazer observações e ampliar alguns dos aspectos mencionados referentes à própria *Grounded Theory*, à tipologia de estudos e à utilização deste tipo de procedimento especialmente ao que se refere à pesquisa qualitativa interpretativa na Amazônia.

Em primeiro lugar, como indicam diversos cientistas sociais, há vários motivos para o aumento na utilização do procedimento da *Grounded Theory*. Cientistas sociais alimentam a “suspeita” de que sob o rótulo de *Grounded Theory* se escondem e se realizam todos os tipos de pesquisas qualitativas onde os pesquisadores não sabem como chegar a conclusões e que passos têm que ser dados por eles.

Como indica o pesquisador Jorg STRUBING (2004, p.7), a *Grounded Theory* é baseada em propostas que se entrelaçadas conceitualmente e fundamentadas metodologicamente servem para criar teorias que se mostraram frutíferas e úteis na área social. Por outro lado, devido à utilização pragmática do procedimento, surge a interpretação errônea que ignora o fato de que se trata de uma "forma específica sistemática e experimental de aproximar-se da realidade, que se encontra submetida a uma lógica orientada de falsificação teórica-científica tal e como foi desenvolvida por Charles S. Peirce e John Dewey” (Ibid, p. 7).

A segunda observação refere-se ao tipo de pesquisa realizada. Enquanto que em alguns países as investigações apoiadas no procedimento qualitativo interpretativo se estenderam notavelmente e virtualmente em todas as áreas das ciências sociais; em outros ainda não se chegou a esta situação de difusão.

No Brasil, as primeiras pesquisas apoiadas na *Grounded Theory* começaram, timidamente, no início da década de 90 no campo da enfermaria (ANGERAMI, 1993; SOUZA, 2001) e na administração pública e de empresas (GIAVINA BIANCHI; AKEMI IKEDA, 2006). Paulatinamente, estendeu-se o campo de pesquisa para outras áreas epistemológicas e de conhecimento tais como a do estudo da comunicação das organizações (REIS, 2005), a análise de organizações políticas (GITANY

DO FIGUEIREDO, 2006), os modelos de relações industriais (LOBAN NETO, 2004), estratégia (SCHROEDER DOS SANTOS, 2003), educação e cultura (VAN ORD, 2005) entre outros campos¹.

A terceira observação faz referência à seguinte questão: No que pode contribuir o procedimento interpretativo da *Grounded Theory* à pesquisa dos fenômenos sociais e, especialmente, ao conhecimento voltado ao desenvolvimento da Amazônia?

Como qualquer outra sociedade, a região amazônica requer instrumentos próprios que possam explicar esta realidade e que, além disso, contribuam para o desenvolvimento regional. Como aponta o sociólogo Boaventura SOUZA SANTOS (2006), a realidade é tão complexa que as teorias e instrumentos de que dispõem as ciências sociais mal podem apreciar uma parte desta.

Responder a esta pergunta requer, em primeiro lugar, determinar se a Amazônia possui características próprias que a diferenciam do resto do país, e que, portanto, exigem o desenvolvimento de uma epistemologia específica. Diversos cientistas sociais mostraram e constataram estas características diferenciadoras², a “complexidade do tema” (CARDOSO; MULLER, 1977, p.191) e o dinamismo desta região. Outros estudos focalizam a contribuição dos saberes sobre a natureza dos grupos indígenas e comunidades e populações tradicionais (CASTRO, 2000, p. 165-167). Partindo-se da premissa de que “nenhum país é uma ilha auto-suficiente” (CRIROT, 1977, p. ix) e que a região se encontra inserida no contexto mundial, com um dinamismo próprio, comporta, por sua vez, uma complexidade para analisá-la, semelhante a outros processos, como aponta SZTOMPKA (1998, p. 31), caracterizados por uma “crescente complexidade dos conceitos dinâmicos”.

A pesquisa na região amazônica não requer apenas - como indica Seixas LOURENÇO (1992, p. 566) - um conhecimento próprio *per se*, mas sim "como elemento de sustentação de uma política do desenvolvimento social e de preservação ambiental". Frente a esta exigência, os cientistas sociais do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), a partir da problemática do desenvolvimento regional, constata a emergência e a necessidade de se elaborar novos paradigmas teóricos apoiados na complexidade e sustentabilidade regionais. Os conteúdos dos diferentes paradigmas - e sua utilização teórica e prática por pesquisadores e cientistas sociais do NAEA - devem ser desagregados em, pelo menos, quatro tipos: 1) paradigmas estratégicos ou orientados para a multidisciplinariedade; 2) paradigmas de pesquisa; 3) paradigmas teóricos; e 4) paradigmas apoiados em novas técnicas ambientais. (quadro 1).

¹ Cabe mencionar que a maioria das investigações apoiadas no procedimento da *Grounded Theory* foi realizada em instituições de ensino superior do Sudeste do país como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. O mesmo serve para os encontros nacionais e internacionais sobre a temática como a *I Conferência Internacional do Brasil de Metodologia Qualitativa*, em 2004.

² Destacam aspectos como o urbanismo e as cidades (CORDEIRO TRINIDADE, 2002; NUNES COELHO, 2001; CASTRO, 2005), trabalho e relações trabalhistas (CASTRO, 1995, 1998), cadeias produtivas e verticalização da produção (MONTEIRO, 2005), trabalho e vida das mulheres (SIMONIAN, 1994, 1998, 2006), extração produtiva (HURTIENNE, 2001, 2005), entre outros.

Quadro 1. Tipologia e orientação dos paradigmas.

PARADIGMAS	ELEMENTOS BÁSICOS	AUTORES CIENTÍFICOS
<u>1) ESTRATÉGICOS</u>	Tratam-se de paradigmas orientados à forma de se organizar e focar as diferentes áreas do conhecimento científico.	
Orientados para a necessidade de interdisciplinariedade e multidisciplinariedade.	“Necessidade da interdisciplinariedade como um processo de interação de conhecimentos fragmentados por diversas especialidades.”	Aragón, 1997. Daniel Hogan, 2000. Castro, 2005.
<u>2) OPERACIONAIS</u>	Tratam-se de paradigmas orientados à forma e estratégia de se obter conhecimento.	
Operacionais qualitativos. Etnociências.	“Necessidade de se ultrapassar estudos quantitativos para realizar estudos sobre a natureza das relações.” Estudos sobre “processos de organização social.”	Castro, 1994. Seixas Lourenço, 1994.
Operacionais quantitativos positivistas e pós-positivistas. Desenvolvimento sustentável.	Utilização majoritária da variável independente econômica. Construção de indicadores de prioridades baseados em modelos econométricos: medições econômicas da agricultura e na racionalidade econômica. “Não representa uma quebra de um paradigma teórico; é subsumido o paradigma economicista dominante.”	Assis Costa, 1994, 2000. Lopes Vilar, 2000. Oyama Homma, 1989, 1992. Escobar, 1995. Redclift, 1987. Bobby Banerjee, 2003.
<u>3) TEÓRICOS</u>	Trata-se de paradigma que orienta marcos teóricos e, em consequência, visões de pesquisa.	
Sistêmico. Competitividade sistêmica.	Perspectiva sistêmica. Análises sistêmicas do desenvolvimento.	Hurtienne, Messner, 1994 Valera Suarez, 1992

Ciência pós-normal, complexidade reflexiva.	Dimensões da totalidade sistêmica. Fatores endógenos e exógenos. “Que tipos de problemas são os mais críticos para o desenvolvimento sustentável e como a ciência pode se mobilizar melhor para dar-lhes respostas.”	Hurtienne, 2001 F.Chesnais, 1999 Mathis, 1998 Enrique Leff, 2003. Funtowitz; De Marchi, 2003.
Orientados à sustentabilidade.	Crises da sociedade moderna. Necessidade de expor paradigmas de crescimento e desenvolvimento.	Bruseke, 1994. Frenzl, 1997.
Orientação ecológica.	“Ecoecologia”. “Ecodesenvolvimento e ecologia”. “Agroecologia”. “Ecodesenvolvimento”.	Spangenberg, 1998. Valera Suarez, 1998. Silva Costa, 2006. I.Sachs, 1986, 1992, 1996.
Orientação à mudança de políticas públicas e relações espaciais. Ecologia política	Necessidade de explorar potenciais endógenos a partir de políticas públicas adequadas. Fortalecimento institucional. Economia ecológica: “conflitos distributivos” e “desigualdades sociais”	Monteiro, 2001, 2005, 2006. Nunes Coelho; Monteiro, 2003, 2006. Becker, 2005. Enrique Leff, 2003. J.M.Alier, 1995. D.Bensaid, 1999. E.Alvater, 1995.
Etnoconservação Etnodesenvolvimento	Propõe a nova ciência da etnoconservação. Critica as teorias conservacionistas elaboradas pelos países do Norte.	Carlos Diegues, 2000. R.Stavenhagen, 1984.
Antropologia do desenvolvimento Etnofeministas	Populações tradicionais. Emancipação da mulher como condição básica do desenvolvimento.	Simonian, 2005. Simonian, 2001, 2002. Miranda Alvares (org.) 1997.
Qualidade de vida	Baseado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).	Sawyer, 2001. Gonçalves Furtado Arbage Lobo, 2004.

4) TÉCNICOS	Paradigmas fundamentados em ciências físicas naturais.	
Desenvolvimento sustentável e compatível Ciência pós-normal.	Ênfase em variáveis tecnológicas e econômicas. Mudança tecnológica.	Medina, 1997. Funtowicz, 1997. Weinberg, 1972.
Ecofisiologia vegetal	Complexidade tecnológica. Novas tecnologias ambientais. Pesquisas e desenvolvimento tecnológico (biodiversidade e biotecnologia).	W.Larcher, 2000. Núcleo Amazônico de Estudos da Complexidade (NuPLEX-UFAM). Núcleo de Pesquisas de Tecnologias para o Desenvolvimento (EDSA-UFPA).

1) A interdisciplinariedade é o paradigma básico entre os *orientados à forma de se organizar as pesquisas* e de se focar as diferentes áreas de conhecimento. ARAGON (1997) apresenta a necessidade da interdisciplinariedade como produto da interação de conhecimentos por especialistas de diversas áreas, advogando para a importância dos trabalhos compartilhados. Estes paradigmas se apoiam na necessidade de focar as investigações a partir dos termos da interdisciplinariedade³ e multidisciplinariedade⁴.

Entretanto, alguns cientistas apontam (CASTRO; NUNES COELHO, 2001, p. 297-298) que, apesar dos esforços realizados nas investigações interdisciplinares no desenvolvimento regional e políticas públicas, manifestam-se ainda pontos e aspectos débeis, relacionados a uma “fragilidade conceitual”, especialmente no que se refere a conceitos substanciais da análise das políticas públicas e nos aspectos teóricos divergentes ou em conflito.

2) Como *paradigmas de pesquisa* estão aqueles para a obtenção de conhecimento científico e que diversos cientistas sociais resumem em três: dedutivo, indutivo ou interpretativo e hipotético-dedutivo (HABERMAS, 1968, McGUIGAN, 1977, p. 359, VÃO DALEN e MEYER, 1981, p. 31). Formam parte deste segundo grupo de paradigmas apoiados no construcionismo social, as etnociências e o interacionismo simbólico. A necessidade de se elaborar estudos sobre os garimpos, mineração,

³ Entende-se por interdisciplinariedade as relações integradas que aparecem entre duas disciplinas. O resultado desta relação entre disciplinas costuma ser a transformação das áreas interdisciplinares. Por exemplo: sócio-biologia em disciplinas novas hiper-especializadas.

⁴ A multidisciplinariedade designa a necessidade de colaboração entre diversos especialistas para solucionar problemas que requerem interesses e tecnologias diversas, e, inclusive, divergentes. Diversos autores sustentam, entretanto, que os resultados da multidisciplinariedade costumam ser confusos e ambíguos.

urbanização, organização social e reservas indígenas, por exemplo, já foi marcada por investigadores (SEIXAS LOURENÇO, 1992, p. 572). O mesmo se refere à necessidade de se ultrapassar “um *approche* quantitativo” e “construir uma problemática que possa interrogar sobre a natureza do trabalho” na Amazônia (CASTRO, 1994, p. 15). Por outro lado, os paradigmas positivistas ou pós-positivistas são utilizados em estudos apoiados na econometria e estatística.

3) Os *paradigmas teóricos* orientam uma nova concepção de compreender a natureza e a visão das investigações. A necessidade de se apresentar os paradigmas dominantes existentes e de se duvidar da função da razão na sociedade moderna foram expostos por numerosos cientistas sociais das mais variadas perspectivas e fundamentos teóricos.

Franz-Josef BRUSEKE (1994) parte da necessidade de se substituir certos ângulos tradicionais pela teoria e a prática do desenvolvimento sustentável a partir de uma visão tridimensional de desenvolvimento na qual a eficiência econômica (dimensão da economia) é vinculada à prudência ecológica (dimensão biofísica) e à realização de uma sociedade mais justa (dimensão sócio-política). Em uma linha similar estariam o “ecodesenvolvimento” (SACHS, 1992) e a “sustentabilidade” (FRENZL, 1997). Da perspectiva de sistemas, Valera SUAREZ (1992) parte da necessidade da análise do equilíbrio dinâmico entre os diferentes componentes da sociedade. A termodinâmica, cibernética e informação constituem as ciências e os fluxos de sistemas (*inputs*) que desembocam na ecologia, ou, como ela denomina, “ecoecologia” (VALERA SUAREZ, 1998), a “integração da sustentabilidade” (SPANGENBERG, 1998).

O desenvolvimento rural sustentável é proposto nos estudos de Assis COSTA (1995) a partir da constatação de implantação de políticas “literalmente catastróficas” durante as décadas de 70, que comportaram um “desastre econômico e ecológico” para a região amazônica (COSTA, 1995, p. 32). A partir de uma análise sobre o uso da terra e dos sistemas de produção dos pequenos agricultores, HURTIENNE (2001, p.214) propõe um esclarecimento das estruturas mistas nas avaliações sócio-econômicas dos pequenos agricultores e da produção sustentável adaptada às condições da agricultura familiar. A ação para conseguir este objetivo se denomina “desenvolvimento rural sustentável” sob “enfoques de competitividade sistêmica” (HURTIENNE; MESSNER, 1994). Outros cientistas partem de análise sistêmica de *inputs e outputs* na gestão da natureza, concretamente de “ação antrópica” (CASTRO, 2003, p.125) e do paradigma da “agroecologia” (SILVA COSTA, 2006).

A necessidade de se compreender a complexidade das relações sociais de forma não linear, reducionista ou unidirecionada procurando um “fator externo responsável”, a não ser analisando os diversos fatores endógenos e exógenos, foi exposta em diversos estudos (MATHIS, 1998).

A partir de uma crítica às práticas conservacionistas implementadas de forma autoritária e exclusivamente preservacionistas, propõe-se um novo naturalismo a partir do tornar o humano como parte da natureza e vice-versa. O etnoconservacionismo (Carlos DIEGUES, 2000, p.40) é

fundamentado em disciplinas como a etnografia, a antropologia (Levi-Strauss) e a sociolinguística. A etnociência propõe a participação social como condição básica para o estabelecimento de políticas públicas conservacionistas. A etnoecologia se apóia utilizando conceitos da linguística, como instrumento para se investigar o meio ambiente tal e como é percebido pelo homem.

Os paradigmas orientados à mudança política se centram na análise de atores e as correspondentes políticas públicas. OYAMA HOMMA (1992), a partir de um estudo sobre a evolução da extração dos recursos na região amazônica, desenvolve uma série de conclusões sobre a posição monopolista de alguns atores. O estudo indica que as causas da instabilidade dos pequenos agricultores extrativistas se devem à própria forma como se extraem estes recursos e à ação exógena da extração, ocasionando uma irracionalidade do extrativismo vegetal. Como alternativa expõe a necessidade de um novo paradigma do desenvolvimento.

A partir da análise dos potenciais endógenos das regiões, Monteiro indica a necessidade de se associar a mineração com o desenvolvimento regional, especialmente em aspectos como a forma em que se estabelecem os *royalties*, a tributação *latu sensu*. Propõe explorar os "potenciais endógenos", além da reedificação de uma institucionalidade pública para desbloquear componentes oportunistas da prática política (MONTEIRO, 2005, p. 198).

4) Finalmente, como *paradigmas técnicos* se enquadram os paradigmas teóricos provenientes de outros campos científicos como a biologia, a física, a sócio-biologia, a medicina, etc. Desde os centros de pesquisa de excelência, como o Núcleo Amazônico de Estudos da Complexidade (NuPLEX) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e o Núcleo de Pesquisas de Tecnologias para o Desenvolvimento (EDSA) da UFPA, desenvolvem-se programas de pesquisa que têm como premissa a complexidade tecnológica e o desenvolvimento de tecnologias ambientais.

A partir da heterogeneidade de paradigmas, de que forma a *Grounded Theory* pode contribuir para as pesquisas qualitativa e interpretativa e a multidisciplinariedade desta região?

GROUNDING THEORY

A partir deste ponto, se expõem as linhas centrais de argumentações assim como os fundamentos metodológicos da *Grounded Theory* para que sejam compreensíveis por um mais amplo público acadêmico. A formulação da *grounded theory* se deve aos cientistas sociais Barney Glaser e Anselm Strauss que, em 1967, publicaram o livro "*The Discovery of Grounded Theory*". No começo, a aplicação da *grounded theory* se dirigiu às áreas de saúde e enfermagem. Com o passar dos anos e com

a multiplicação de investigações em diversos campos, a *grounded theory* apresentou problemas de definição como se faz necessário tornar claro.

Em primeiro lugar, vejamos como se traduz em alguns manuais brasileiros e espanhóis o processo da *grounded theory*. Apesar da maioria dos autores manter a denominação original em inglês, em alguns manuais de pesquisa qualitativa o termo aparece traduzido como “Teoria Fundamentada” (VALLES, 1997, p.343), “Teoria Ancorada” (FORTIN, 1996, p.107) e “Muestreo Teórico” (COLAS BRAVO, 1994, p. 271). Noutros manuais, surge a variável “Análise Qualitativa por Teorização” (MUCCHIELLI, 2001). Outros cientistas sociais inspirados na *grounded theory* desenvolveram propostas de síntese de caráter multiestratégico, combinando em mapas os níveis qualitativos e quantitativos de análise. Nós optamos por manter, neste texto, o termo no original em inglês, mas, no caso da pesquisa (ver caso de pesquisa 1) se trata da variedade da *grounded theory* denominada de “Análise Qualitativa por Teorização.”

Em segundo lugar, a aparição do problema se deve à publicação, em 1978, do livro de Glaser, intitulado "*Theoretical Sensibility*", através do qual se desenvolveram duas variantes diferenciadas da forma e do procedimento para se levar ao término. Uma mantém a versão original de Strauss e que podemos denominar como pragmática, sendo mais linear e detalhada. A segunda variante desenvolvida por Barney Glaser, de caráter empírico, convida o investigador a ser menos rígido com a metodologia e a desenvolver diversas estratégias (quadro 2).

Neste texto se expõe a versão de Strauss por considerar que mantém uma maior riqueza científica e teórico-metodológica. E se esclarece que a diferenciação de métodos entre Glaser e Strauss não deve ter um efeito substancial sobre os dois modelos exploratórios.

Quadro 2. Resumo das diferenças entre a orientação de Glaser e a de Strauss e Cobin.

	GLASER	STRAUSS e COBIN
Seleção e identificação do problema.	Seleção de uma área. O problema emerge no marco do estudo e depende das percepções conjuntas dos atores e pesquisador.	A identificação de um fenômeno para se investigar é a partir da predeterminação do tema por parte do pesquisador antes de se fazer a coleta de dados.

Método de codificação.	Realiza-se a partir da comparação contínua. As categorias emergem.	Método analítico a partir de passos estruturados. Os métodos e as técnicas utilizadas têm que ser detalhadas de forma precisa.
Operacionalização	É difícil porque o marco de referência é muito geral.	É mais fácil porque as etapas analíticas são mais específicas.
Teoria emergente.	Gera conceitos e suas relações para se interpretar os comportamentos dos fenômenos ou áreas estudados.	Gera uma teoria derivada de forma indutiva frente ao fenômeno.
Comprovação na teoria	A partir de análise quantitativa.	Prova provisória para demonstrar a legitimidade das interrelações.

Fonte: inspirada em Parker e Roffey (1997) e E.Raymond. A "Teorización Acorada" (Grounded Theory) como método de pesquisa em ciências sociais.

Os antecedentes epistemológicos e metodológicos, assim como as bases social e filosófica de Strauss, são oriundos do pragmatismo clássico americano e da tradição da Escola de Chicago (EUA), especialmente, o significado e as conseqüências práticas da ação com critérios verdadeiros que expõem o atrito teórico entre “dúvida” e “saber” e “ciência” e “saber”. Na dicotomia exposta aparece o debate entre o saber e sua validade e a subjetividade do interacionismo simbólico, que se resume na impossibilidade de legitimidade para uma pesquisa qualitativa interpretativa. Sobre isso, BLUMER (1969) afirma que os seres humanos agem com as coisas dentro dos significados que as coisas têm para eles. O ser humano ocupa uma posição chave na compreensão da *Grounded Theory*. Diante desta estratégia de pesquisa, é preciso acrescentar outro aspecto relacionado com a pouca compreensão e aceitação no Brasil, assim como nos países anglo-saxões, do denominado princípio de abdução⁵ de Peirce.

O procedimento da *Grounded Theory* forma parte da epistemologia da complexidade, a qual se baseia no que é imprevisível e não no caráter não linear da realidade, aspectos que não impedem que se produza uma acumulação de conhecimento. Os critérios de qualidade qualitativos diferem também entre um e outro. Enquanto o paradigma construtivista possui critérios para verificar a fidedignidade e a coerência interna do discurso, a epistemologia da complexidade parte de critérios

⁵ Segundo o Dicionário Larousse (2005) a abdução é o raciocínio pelo qual se restringe o número de hipóteses suscetíveis de se explicar um fenômeno desprezando espontaneamente as teorias errôneas. A abdução é um tipo de operação que sugere um enunciado que não está, de modo algum, contido nos dados dos processos. Trata-se de um tipo de inferência que se caracteriza se por acaso, probabilidade, de caráter intuitivo, posto que a conclusão que se alcança é sempre conjectural, tão só provável, mas que ao investigador lhe parece plausível. É nesta plausibilidade onde radica sua validade e em sua probabilidade que tem uma influência indireta.

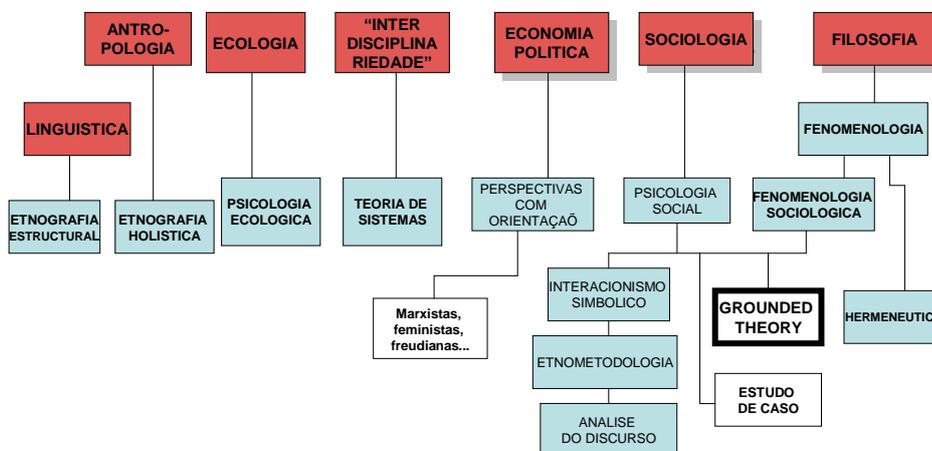
que permitem constatar que estamos ante uma explicação coerente, dadas umas determinadas condições iniciais, além de ter em conta o contexto gerado.

Esta estratégia também se diferencia das outras em relação ao aspecto que determina a forma de seleção das pessoas que serão estudadas “É sua relevância com respeito a tópico da pesquisa e não com respeito a sua representatividade” (FLICK, 2004, p.58). O objetivo desta estratégia não é a possibilidade de generalização e a representatividade dos dados obtidos, ou o de reduzir a complexidade do objeto de pesquisa, fragmentando-o em variáveis, como seria o caso da estratégia hipotético-dedutiva. O objetivo, de fato, é aumentar esta complexidade a partir do estudo do meio do fenômeno que é objeto de pesquisa. Esta circularidade nas diferentes partes do processo constitui o aspecto central da abordagem.

Nas questões práticas relativas à forma de enfrentar a pesquisa, as posições dos paradigmas na "teoria ancorada" diferem do construcionismo clássico em vários níveis como, por exemplo, quanto à natureza e acumulação do conhecimento, na qualidade dos critérios qualitativos e no papel do próprio pesquisador. Sobre a natureza do conhecimento, o construcionismo se centra na construção social, enquanto o paradigma da complexidade focaliza o meio contextual, já que o conhecimento é mutante e extremamente sensível às condições iniciais. No que diz respeito à acumulação de conhecimento, o construcionismo se baseia em reconstruções sofisticadas e na experiência.

Figura 1. Disciplinas matrizes e perspectivas na pesquisa qualitativa e da *Grounded Theory*.

Disciplinas matrizes e perspectivas na pesquisa qualitativa



Fonte: Elaboração própria.

Apesar de algumas similitudes, esta teoria também se diferencia do “estudo de caso” (YIN, 2001) em aspectos como, por exemplo, a coleta de dados, os fluxos de retroalimentação durante cada etapa da pesquisa e a conformação da teoria resultando do processo de pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA ANÁLISE QUALITATIVA DA TEORIZAÇÃO

Em contraposição à estratégia de conhecimento positivista e linear e à hipotético-dedutiva, a *Grounded Theory* dá preferência aos dados e ao estudo de campo, que contrastam com os supostos teóricos, que não são aplicados ao sujeito estudado.

Os pressupostos teóricos que partem da estratégia hipotético-dedutiva seguem a concepção das ciências físicas e naturais e tentam estabelecer regularidades na evolução histórica das sociedades e do comportamento humano. De outra maneira, na análise qualitativa de teorização, o objeto de pesquisa é um fenômeno social entendido como um processo único, isto é, desprovido de fronteiras formais, já que a composição deste fenômeno chama ao entendimento da totalidade do sistema social (LAPPERIÉRE, 1997).

A análise qualitativa de teorização se inspira na *Grounded Theory* ainda que com diferenciações em relação ao modelo original formulado por Glaser e Strauss. Nesta pesquisa, se realiza uma análise de conteúdo, baseada na estratégia indutiva. Esta estratégia permite, durante o processo de coleta de dados e da observação, o estabelecimento de hipóteses que serão modificadas ou

não, a partir de novos dados, permitindo, desta forma, um processo de teorização durante toda a coleta de dados. Quanto às estratégias da família diante do trabalho doméstico e do mercado de trabalho, os dados são obtidos gradualmente com o estabelecimento de hipóteses sobre a participação pública e social na comunidade ou bairro e as estratégias dos atores coletivos. A partir da conceituação e de uma relação progressiva em diferentes etapas de coleta de dados empíricos qualitativos, com a análise qualitativa de teorização, se pretende aprofundar os três aspectos que a diferenciam do modelo proposto por Glaser e Strauss.

Estes aspectos são os três eixos metodológicos desta pesquisa: primeiro, o estabelecimento de um método de análise de dados; segundo, o processo de teorização deixando de lado a aspiração de se produzir teoria; e terceiro, o desenvolvimento das operações sucessivas para formular a construção teórica.

A adoção deste método permite acerrar-se de uma realidade sem preconceitos, mas permite partir de hipóteses preconcebidas a partir da coleta de dados e da observação participada, e, assim, pode-se entrar nas vivências e interpretações que as pessoas fazem de suas possibilidades sem um arcabouço teórico estruturado, onde já se configuram as possíveis interpretações e expectativas teóricas. Esta aproximação livre de preconceitos teóricos contribui com uma série de dados que, posteriormente categorizados e ordenados, vai oferecer uma imagem da realidade vivida. Uma realidade em constante construção e mudança, submetida a uma feroz exploração capitalista, que precisa constantemente ser reinterpretada e a que não se pode incluir leis universais para todas as comunidades, cidades e regiões, pois cada uma delas se constitui num caso único e sem repetições.

PROCESSO DE PESQUISA E FASES METODOLÓGICAS.

Os primeiros estudos da *Grounded Theory* apresentam as seguintes peculiaridades:

1. A precisão do âmbito da pesquisa.
2. A coleção e a análise geral dos dados especializados e pertinentes ao estudo em questão.
3. A ordenação dos dados segundo os critérios definidos (cronológicos, espaciais, técnicos, sociais, políticos, econômicos, etc.)
4. A análise específica que consiste nos processos de codificação, classificação e comparação entre os resultados encontrados e outros estudos relacionados com o meio da pesquisa proposta.
5. A geração da teoria, apresentação da teoria ou do modelo que se propõe.

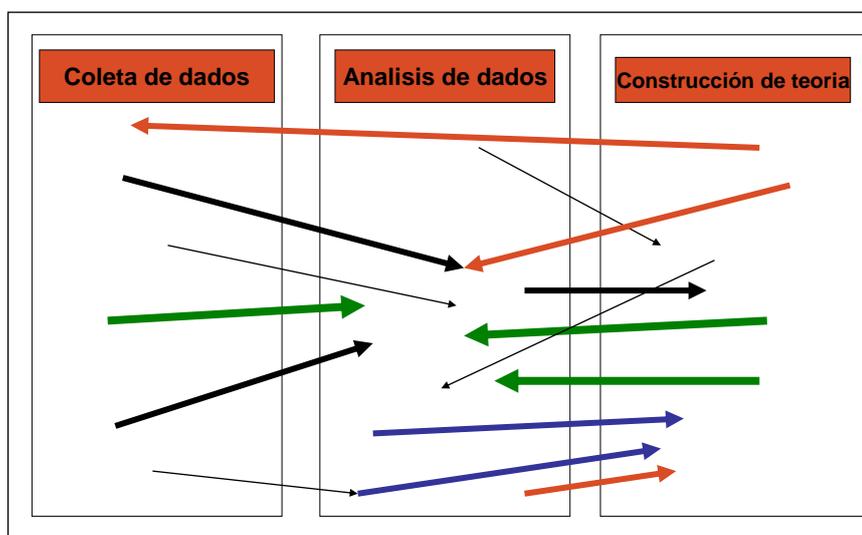
O desenho da pesquisa, a coleta, a análise sistemática de dados e a geração da teoria realizam-se a partir dos seguintes passos:

1. A definição do problema e a análise inicial da literatura especializada. Este processo tem por objetivo estabelecer o desenho geral da pesquisa.
2. A coleta de dados, definidos na fase anterior, considerando os critérios de seleção.

3. O processo de exemplificação teórica. Realizam-se a codificação precisa, a ordenação e a análise de dados adquiridos.
4. De forma simultânea, em cada uma das fases assinaladas, desenvolvem-se os subprocessos, “tomando anotações e comparações constantes entre uma fase e outra, para se evitar a perda de dados importantes”.

Figura 2.

Paralelidade dos pasos no procedimento da grounded theory
(segun Strauss, 1991, p. 46)



Inspirado em Strauss, "The Chicago tradition`s on going theory of action/interaction". 1991, p.46.
 Strubing,J. "Grounded theory. Zur sozialtheoretischen und epistemologischen Fundierung dès Verfahrens der empirisch begründeten Theoriebildung". 2004, P. 15

As hipóteses e categorias geradas ao longo da análise devem ser submetidas à prova. Como consequência deste processo, a teorização e a generalização têm lugar de forma quase simultânea. Este passo nos conforma um aspecto central da análise qualitativa de teorização, que este deve iniciar-se no mesmo momento em que se inicia a coleta de dados. A teorização consiste num complexo processo de se elaborar a teoria. A expressão teorização designa, por sua vez, um processo e um resultado, já que indica que o resultado não é um fim em si mesmo, mas o estado em que se encontra uma construção teórica num dado momento.

A codificação (*ou codificação aberta*) é a primeira fase da análise de dados e pode ser realizada paralelamente à continuação de novos dados. Como na pesquisa interpretativa qualitativa, as entrevistas realizadas são gravadas e transcritas em sua totalidade. Frases e palavras-chaves são

selecionadas de tal forma que, mais tarde, possam gerar conceitos. A construção e formulação de conceitos se realizam a partir das próprias palavras-chaves, as explicando e procurando um nível conceitual em cada uma destas. Nesta fase o investigador faz perguntas como, por exemplo, qual estratégia é resultante de tal comportamento? Quais motivos induzem a tal comportamento?

A *codificação axial* realiza-se a partir dos conceitos gerados na fase anterior. Nesta fase se trata de analisar estes conceitos, organizá-los em temas e grupos e extrair suas idéias centrais. A forma de realizar este processo é a partir da formulação de perguntas. Trata-se de um processo de dedução e indução. Isto quer dizer, deduz-se a codificação e se procura sua validação.

Codificação seletiva ou paradigma de codificação (*core categorization*). Trata-se da última fase da codificação. Começa a partir da saturação teórica, “o critério em que se estabelece quando o *sampling* (amostragem) tem que parar” (GOULDING, 1999, p. 11). Isto quer dizer, uma saturação e repetição de dados que não contribuem com nenhuma nova informação relevante. Segundo GOULDING (2001), é necessária a construção de uma categoria central, a qual a sua vez estabelece o paradigma da teoria. Segundo Strauss, não existe um único caminho sobre a forma de estabelecê-la. STRAUSS & CORBIN (1990) propõem o seguinte formato:

- a) condições levam ao
- b) fenômeno, que surge num
- c) contexto que leva à
- d) ações e depois a
- e) conseqüências.

Sampling teórico se refere à geração de teoria a partir de um processo de coleta de dados, no qual o investigador vai tomando paralelamente os dados, codifica-os e os analisa, assim como decide que novos dados será necessário procurar e onde encontrá-los. Este processo de acréscimo de dados se realiza a partir da criação da teoria.

Figura 3. Estrutura e passos de uma investigação de *management* e gerência.



Fonte: GOULDING, Christina, *Grounded Theory. A practical guide for management, business and market researchers*, Thousand Oaks, Sage, 2002, p. 115.

POSSIBILIDADES NA PROBLEMÁTICA REGIONAL DA AMAZÔNIA.

As possibilidades da estratégia qualitativa interpretativa da *Grounded Theory* nas investigações de desenvolvimento regional - e concretamente na Amazônia - ainda aguardam por ser exploradas.

Por um lado, estudos apoiados no construcionismo e o interacionismo simbólico. Pertencem a este tipo de estudos: investigações sobre os garimpos, a mineração, a urbanização, a organização social e a vida dos jovens nas cidades.

Por outro lado, estudos que focalizam a problemática do desenvolvimento regional, no nexa da ação, a estrutura, nos níveis micro e macro da sociedade. Concretamente a *Grounded Theory* é um processo metodológico para explicar aspectos como:

- A ação estratégica (micro e macro) dos atores sociais (ecológicos, agropecuários, econômicos e outros) e dos movimentos sociais.
- As estratégias da família nos níveis micro e macro.
- As estratégias das empresas mineradoras.

As possibilidades de pesquisa se ilustram com o seguinte exemplo:

ESTUDO 1

FAMÍLIA, TRABALHO E PARTICIPAÇÃO NOS “ENCLAVES” MINEIROS E METALÚRGICOS DE BARCARENA, PARAUAPEBAS E ORIXIMINÁ⁶

Josep Pont Vidal; Maurílio de Abreu

RESUMO DA PESQUISA

Nesta pesquisa se analisam as condições de vida e de trabalho dos habitantes dos territórios dos municípios mineiro-metalúrgicos situados nos “enclaves” de Barcarena, Parauapebas e Oriximiná do Estado do Pará (Amazônia). Nos territórios e áreas sócio-espaciais estudadas, têm lugar uma segregação social e uma polarização da estrutura urbana. Nestes territórios vivem as famílias e a mão-de-obra requerida para os complexos mineiro-metalúrgicos. A partir do construtor teórico de esferas sociais, elaborado por Polanyi e Mingione, o estudo parte da esfera doméstico-familiar e da análise das estratégias desta esfera frente à esfera mercantil e a subesfera comunitária.

Nesta pesquisa, propõem-se dois níveis de análise. O primeiro denominado “atividade situada”, como forma de situar o contexto histórico e também a interpretação dos atores coletivos sobre os fenômenos. No segundo - a “subjativização da atividade” ou as práticas subjetivas familiares -, estudam-se as interpretações individuais frente às mudanças sociais. Desde a unidade familiar, analisam-se as práticas de repartição do trabalho doméstico. A operacionalização destes níveis de análises se realiza com a construção de sete categorias nos dois níveis de estudo.

Optou-se pela *Grounded Theory* - ou teoria baseada em dados - por tratar-se de um estudo de caráter exploratório, ao aparecer limitações nos marcos teóricos interpretativos tradicionais de corte economicista e, das denominadas “teorias de médio alcance”, para explicar a complexidade do fenômeno estudado.

PREMISSAS TEÓRICAS DAS ANÁLISES.

As perspectivas expostas também se concentram nas estruturas objetivas e ignoram o processo social mediante o qual os atores pensam e constroem estas estruturas. BOURDIEU (1989), inspirando-se na fenomenologia de SCHUTZ, BERGER e LUCKMANN (1995), abre um novo horizonte metodológico ao ultrapassar os limites de um subjetivismo radical e o pretendido objetivismo das estruturas, para vincular o ser humano num contexto histórico e numa organização social concretos que determinam, em parte, seu comportamento. Mostra-se a favor de um estruturalismo que não esquece o agente ou o indivíduo concreto. “Por um lado, as estruturas objetivas formam a base para as representações e constituem as restrições estruturais que influem nas interações: mas, por outro lado, estas representações devem também se ter em conta particularmente se desejamos explicar as lutas

⁶ Estudo realizado com o apoio da CNPq.

cotidianas, individuais e coletivas, que transformam ou preservam estas estruturas” (BOURDIEU, 1989. p.15).

Ainda que esta afirmação marque uma clara posição diante do dilema objetivista e subjetivista, Bourdieu (1989) centra sua análise nas práticas cotidianas que não estão determinadas de forma objetiva nem também são produtos da livre vontade dos indivíduos. O estudo e a elaboração de modelos “históricos” aparecem como necessários para compreender as ações e as instituições econômicas. As relações sociais produzidas por estes modelos históricos, bem como as necessidades e formas que adquirem, não são de caráter exógeno, isto é, impostas a partir de estruturas externas às pessoas. São fruto e produto da interação destas pessoas através do processo histórico. Neste sentido, Bourdieu (1989) aponta a necessidade de analisar as práticas econômicas de uma cultura concreta. “As disposições econômicas mais fundamentais, necessidades, preferências, propensões, não são exógenas, isto é, dependentes de uma natureza humana universal, senão endógenas e dependentes de uma história, que é precisamente a do cosmos econômico no que são requeridas e recompensadas” (BOURDIEU, 2003. p. 22).

No estudo de campo, estes aspectos são avaliados em diferentes dimensões. Para poder analisar empiricamente o problema, propõe-se o conceito de “habitus”, o qual tem como função “romper com a filosofia cartesiana da consciência e eliminar, ao mesmo tempo, a ruinosa alternativa entre o mecanicismo e o finalismo, isto é, entre a determinação através de umas causas e a determinação através de umas razões; ou também entre o individualismo chamado metodológico e o que se chama, às vezes, (entre os “individualistas”) de “holismo”. O “habitus” é, pois, um produto da história, do estudo das práticas individuais e coletivas, e, em conseqüência, produz a sua história a partir destas práticas. Este conceito permite às pessoas dar sentido ao mundo social e às estruturas que não são impostas de uma forma uniforme sobre os diferentes atores.

A opção pela *Grounded Theory* não corresponde a uma decisão arbitrária. Se deve a uma série de reflexões prévias. Primeiro, no momento de analisar aspectos e fenômenos da região amazônica, como o trabalho e a vida familiar, recorri a uma revisão de teorias clássicas como a da dependência e a da regulação.

No entanto, a partir dos primeiros dados empíricos disponíveis, foi possível constatar que estes marcos teóricos clássicos não contribuem com suficientes explicações causais e também não permitem derivar as variáveis suficientes para poder analisar a complexidade da realidade social da região.

A teoria da dependência sofre de um verdadeiro estaticismo, já que não define com precisão ao que se refere quando fala dos países “ou sociedades periféricas” e nem também se existe ou não a possibilidade de se comparar uma sociedade asiática ou africana com o Estado do Pará. Por sua vez, a teoria da regulação sofre de um verdadeiro economicismo ao ter como variável independente a economia e o processo de produção “fordista” das regiões “centrais”. Um aspecto se refere ao aumento de salário nos países “centrais”. Enquanto o número de trabalhadores aumentou proporcionalmente em relação ao de autônomos nos denominados países “periféricos”, como seria o caso do Brasil, onde 54% da População Economicamente Ativa (PEA) vivem do que ganham no mercado informal de trabalho.

NÍVEIS DA ANÁLISE: CONFECÇÃO DO MAPA.

Nesta pesquisa se fez uma análise de conteúdo, baseada na estratégia indutiva. Elaborou-se um método de análise situacional baseado na confecção de um mapa que procura desenhar a complexidade da situação e suas relações e interconexões.

O estudo das práticas individuais e coletivas se operacionaliza a partir dos níveis de “subjetivação da atividade” e da atividade “situada”. O marco da atividade “situada” focaliza os aspectos dinâmicos emergentes da atividade social. Neste sentido, refiro-me à estratégia dos diversos sindicatos e de algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) sobre a percepção dos riscos trabalhistas e ambientais e as mudanças de estratégia que tem lugar no movimento sindical como reação às novas formas de divisão internacional do trabalho. Por outro lado, o marco da “subjetivação da atividade” inclui as relações que as pessoas mantêm com o meio. Para tentar adaptar o conceito à história do Estado do Pará, é necessário se considerar duas categorias sociológicas: “complexidade” e “diferenciação”.

Se faz uma análise qualitativa por teorização “ancorada” (MUCHIELLI, 1996) a partir de uma estratégia de pesquisa indutiva sobre o fenômeno. Para isso, inicia-se a estratégia de pesquisa com hipóteses críticas ou pré-hipóteses que serão rebatidas ou reformuladas durante a coleta de dados. A partir daqui, se promove uma relação progressiva de dados empíricos qualitativos.

A partir da estratégia de pesquisa anteriormente explicada, optou-se por diferentes níveis de obtenção de dados: primeiro, entrevistas; segundo, questionários; e terceiro, a observação participante. Em cada um destes níveis técnicos de coleta de dados se estabeleceu *a priori* um número mínimo de instrumentos de coletas de dados a serem postos em prática.

Para conseguir os objetivos propostos, confeccionaram-se dois níveis de análises. No primeiro nível ou “atividade situada” focalizam-se aspectos dinâmicos emergentes da atividade social e, especialmente, as relações trabalhistas e vinculação econômica existentes entre a população residente nas áreas ao redor das empresas mineiro-metalúrgicas. Este nível é formado por quatro categorias: 1) a instalação de empresas no município; 2) o mercado de trabalho; 3) as relações trabalhistas; e 4) a interpretação de agentes da sociedade civil organizada como os sindicatos e organizações não governamentais ambientalistas.

O segundo nível ou “subjetivização da atividade” faz referência às práticas subjetivas que os membros da família mantêm entre si e com o meio social mercantil. Faz referência às estratégias da manutenção da renda familiar das pessoas residentes nas mencionadas áreas. O problema do estudo se aprofunda a partir dos diferentes níveis de categorias. Este marco se operacionaliza a partir das categorias: 1) organização do trabalho doméstico; 2) relação com o mercado de trabalho; e 3) práticas subjetivas de participação na comunidade.

A adoção deste método permitiu acercar-se de uma realidade sem conceitos teóricos pré-estabelecidos, concebendo pré-hipóteses a partir da coleta de dados e da observação participada. Isto permite adentrar nas vivências e interpretações que as pessoas fazem de suas possibilidades, sem um

arcabouço teórico estruturado onde já se configuram as possíveis interpretações e expectativas teóricas e as normas com as quais irá se realizar a pesquisa.

Para a observação direta dos fenômenos e dos atores na pesquisa, optou-se por uma observação participante limitada que se denomina “observação direta”. A diferença da observação participante tradicional, caracterizada por estar o pesquisador envolvido na interação social durante um período de tempo relativamente longo, a observação direta se baseia em envolver o pesquisador na interação social de forma temporariamente limitada a eventos concretos. Estes eventos são: as assembleias de moradores e as reuniões de constituição de um foro determinado para a realização de projeto concreto ou para a tomada de decisões comunitárias.

A partir dos primeiros dados obtidos, nas entrevistas pré-teste, e das leituras realizadas sobre o tema, se tornou mais claro o objeto de estudo e a necessidade de se reformular as pré-hipóteses iniciais. Categorias como “centro histórico das cidades”, “processo de exclusão social” e “período de tempo de gestão fordista” deviam ser revisadas a partir de diferentes perspectivas epistemológicas, empíricas e conceituais. Que significavam estes aspectos para as cidades estudadas? Talvez a teoria da regulação, formulada na França décadas antes, explicava suficientemente a complexidade destas cidades e das famílias que nelas trabalham? Ainda que esta teoria possa explicar ou interpretar em parte alguns aspectos da formação capitalista do Estado do Pará, não explica suficientemente os aspectos da vida cotidiana tais como a violência política, a formação da cultura política, a formação de escasso mercado de consumo e a criação de capital social.

ETAPAS DA PESQUISA

Em primeiro lugar, estabelecer um método de análise trata-se mais do que uma estratégia de pesquisa. A partir de uma recompilação aberta de dados obtidos através das entrevistas e dos questionários, a pesquisa permitiu obter informações gerais sobre as vivências das famílias e as estratégias dos atores. Seguindo as indicações de CLARKE (2003, p. 560), elaborou-se um método de análise situacional baseado na confecção de “mapas”, que procuram desenhar a complexidade da situação e suas relações e interconexões. Para isso, elaboraram-se dois níveis de mapas: a “atividade situada” e a “subjativização da atividade”.

A “atividade situada” se centra na esfera dos atores coletivos e suas estratégias para as negociações. Por outro lado, dentro da “subjativização da atividade” se entendem as posturas subjetivas que são tomadas. Esta categorização contribuiu com informações referentes ao contexto das atividades vistas pelos atores coletivos, e como as pessoas interpretam a realidade que lhes envolve, e que expectativas de mudança esperam. As posturas subjetivas variam muito entre as famílias, especialmente a partir de sua história de vida, como a militância sindical e política, os anos de trabalho ou suas origens regionais. Entre as pessoas não vinculadas diretamente com a militância política, as mulheres, em especial, depositam expectativas e esperanças de que um Ser supremo – Deus - as guie pela vida e que melhore sua situação familiar no futuro. Isto suplanta, em muitos casos, a crença de que a ação subjetiva pode mudar a situação em que vivem.

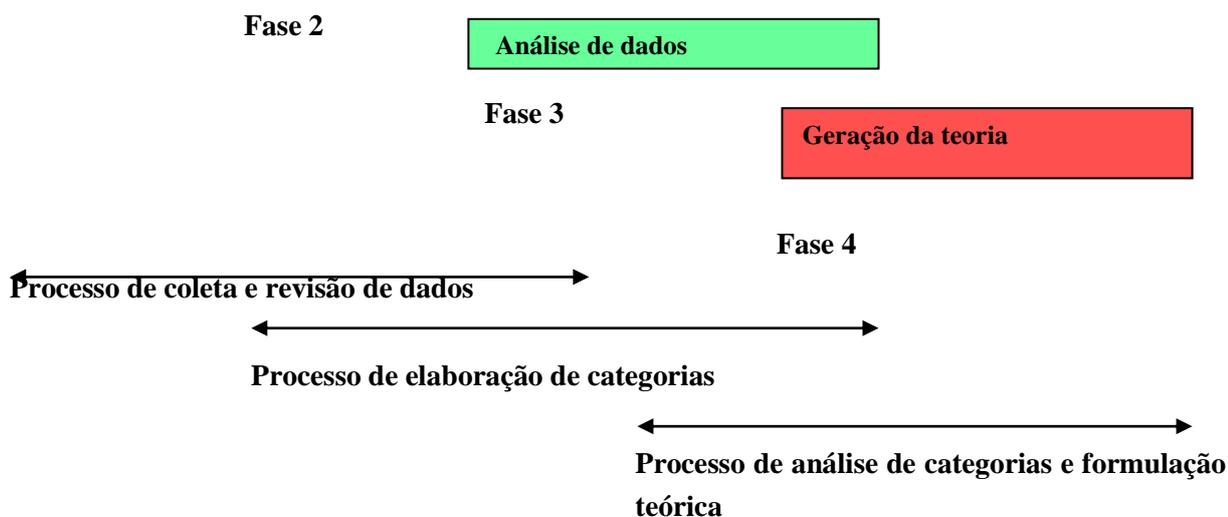
A partir da denominada saturação teórica nas entrevistas semi-estruturadas, o segundo passo inicia-se com um processo de teorização, que consistiu em questionar os supostos conceituais iniciais ao não se adaptar à realidade e complexidade do fenômeno estudado. Para interpretar as diversas facetas da divisão internacional do trabalho e do trabalho concreto, sobre como as pessoas constroem sua vida cotidiana frente aos imperativos econômicos, sociais e políticos, recorreu-se inicialmente a grandes teorias como é o caso da teoria da regulação. No entanto, estas teorias não oferecem explicações a uma realidade que se mostra tão heterogênea nas cidades, e, que as variáveis que normalmente se utilizam, não são capazes de abarcar e compreender a totalidade do fenômeno estudado. Neste sentido, se descartaram as denominadas “teorias totais” - *Middle Range Theory* - no sentido que cunhou Robert MERTON (1992).

Em princípio, se formaram pré-hipóteses baseadas na teoria da regulação. Mas aos primeiros contatos com o fenômeno estudado e à medida que se obtinham informações e dados, os diagnósticos da “sociedade salarial” desenvolvidos por Castel (1998) foram descartados. Nas cidades médias amazônicas estudadas, a hipótese de que “a sociedade salarial parece arrebatada por um irresistível movimento de promoção, acumulação de bens e riquezas, criação de novas posições e de oportunidades inéditas, ampliação dos direitos e das garantias, multiplicação das seguridades e proteções” não se adequava (CASTEL, 1998, p. 417). A coleta de dados mostrou a falta de “oportunidades inéditas” e a “multiplicação das seguridades e proteções” para os habitantes destas cidades.

Não se trata de questionar ou de afastar da análise social a categoria “trabalho”, como se perguntava Claus OFFE (1994). Ou de afastar de forma radical e mudar por outra categoria, como indica Alain Touraine - “Já não podemos entender o mundo em termos sociais, senão culturais” (*La Vanguardia*, 15/11/2005, Barcelona) -, apelando à chegada de um novo paradigma para compreender o mundo de hoje. Trata-se de analisar as categorias “trabalho” e “relações trabalhistas” a partir dos contextos histórico, social e cultural com base nas características próprias das cidades médias amazônicas.

Figura 4. Representação das diferentes fases da análise qualitativa de teorização.





O processo de construção teórica não deve ter como finalidade única a elaboração de teoria. Como afirma MUCCHIELLI (2001 p.76), a teoria “não é nunca uma obra acabada”. O processo contínuo de configuração e de "caracterização" do sentido (MUCHIELLI, 2001, p.72) apontava constantemente para novos dados empíricos de codificação. Neste sentido, para atingir este processo, previamente se configuraram 32 códigos, que incluem vários aspectos da vida cotidiana, como a participação e o trabalho nomeado pelos entrevistados. Mesmo assim, não se tratou de um simples classificador por códigos, mas sim representou o emergir de questões que se propunham no *corpus* da pesquisa estabelecendo as novas pré-hipóteses.

Diversos autores (PARKER e ROFFEY, 1997) indicam a necessidade de se realizar esta fase a partir da sensibilidade teórica, ou seja, à capacidade do pesquisador de pensar os dados em termos teóricos. Requer que o pesquisador atue, constantemente, "com as operações de recompilação e análise, em vez de elaborar hipótese com relação a possíveis resultados e suspender seus juízos até que todos os dados estejam analisados". Nesta fase da teorização se elaborou uma hipótese formulada a partir dos dados obtidos. Este passo serviu para contrastar a totalidade dos dados obtidos com a interpretação da “crise” das esferas e os valores que representa a modernidade.

INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Como instrumentos de obtenção de jogo de dados, desenvolveram-se simultaneamente entrevistas⁷ e questionários⁸. A eleição destes instrumentos foi a partir da decisão subjetiva do

⁷ As entrevistas e questionários centraram-se nas três categorias principais da pesquisa: história pessoal, vida na comunidade, trabalho doméstico, mercado de trabalho e expectativas de futuro. A duração de cada entrevista oscilou entre 25 e 45 minutos, sendo que todas foram transcritas em sua totalidade.

pesquisador baseada nos seguintes critérios: 1) predisposição dos membros das famílias para a gravação das entrevistas; 2) tempo disponível das famílias para responderem às perguntas; e 3) predisposição das famílias a oferecer dados pessoais para uma pesquisa. Este último critério foi totalmente subjetivo por parte do pesquisador.

O papel dos informantes-chaves foi imprescindível e decisivo para se realizar o estudo de campo. Basta simplesmente recordar que muitas entrevistas foram feitas entre famílias que vivem em periferias urbanas, em bairros de difícil acesso e em terrenos ocupados, cuja posse não está juridicamente definida

PARA UMA TEORIZAÇÃO

A metodologia é a base da credibilidade de uma pesquisa. Mas, como afirmava Weber, “não é a condição de um trabalho fecundo”. Na mesma linha se manifesta também Bourdieu: “Uma explicitação da lógica da invenção, por mais parcial que seja, pode contribuir para a racionalização da aprendizagem da aptidão para inventar”. A afirmação mostra que, por mais que se siga a racionalidade de um método concreto, sempre é possível inventar aspectos da realidade do fenômeno estudado. Aparece então, como necessário, o tornar fecundos os dados extraídos na pesquisa, e, em segundo, questionar sempre o “etnocentrismo” do pesquisador.

Sobre a necessidade de ter como referência o contexto histórico como elemento determinante da sociedade civil na construção de um tecido associativo, citaremos Habermas: “Assim como uma cultura política liberal não pode ser sacada, magicamente, da cartola, uma sociedade civil ativa com uma rede de organizações voluntárias não pode ser simplesmente produzida. Credenciar que a história podia ser fabricada foi uma ilusão da filosofia da história”. Habermas indica que uma configuração de sociedade civil não pode ser analisada independentemente de sua configuração histórica. Neste sentido, o poder administrativo não impulsionará formas emancipadas de vida, de cidadania e de democracia. A comunicação entre as estruturas é decisiva, mas aparece a pergunta sobre se existem nestas cidades estudadas possibilidades de tal comunicação?

A partir destas premissas e do significado central da família como um microcosmos social para a formulação da teorização surge a seguinte pré-hipótese explicativa:

Nos municípios estudados da Amazônia, existem elementos característicos de uma pré-modernidade que convivem com a modernidade. Estes elementos pré-modernos marcados por uma racionalidade instrumental incompleta convivem com os da modernidade, que se caracterizam, segundo B. Souza Santos, como “a liberdade, a igualdade, a autonomia, a subjetividade, a justiça e a solidariedade”. Aparecem estes valores entre os atores, as famílias e as relações públicas e sociais nos municípios estudados?

No último quarto de século, a situação econômica melhorou lentamente. É evidente que existe uma liberdade política formal, garantida pela Constituição Federal de 1988, na esfera individual. Mas,

⁸ Os questionários compreendem um total de 35 perguntas, formuladas de forma aberta e datadas.

na esfera pública, esta liberdade aparece muito insuficiente. Na esfera pública pode existir liberdade de opinião e de organização sindical e política, mas estas manifestações são, por sua vez, castigadas e reprimidas sutilmente pelo poder com sanções que compreendem desde a proibição de reunião sindical nas empresas até a marginalização do pouco emprego existente para todos os membros da família de um líder sindical, além de ameaças, ostracismo, desemprego e violência física.

As conseqüências se manifestam em atitudes subjetivas dentro e fora do âmbito familiar. Manifestam-se também no pacto de interesses das elites e dos atores que fazem parte das esferas mercantil e estatal, que é representada pelo poder municipal (prefeitos e vereadores). "Os nossos políticos têm na cabeça que é preciso manter o povo pobre e necessitado" (E.28, Sindicato de Trabalhadores da Indústria de Construção e do Mobiliário de Oriximiná e Faro). Assim, o nepotismo aparece como fórmula para assegurar e manter os interesses no poder. As esferas mercantil (empresas multinacionais e nacionais mineiro-metalúrgicas) e estatal (os poderes públicos municipais), ambos favorecidos por esta situação que incentivam e perpetuam, discriminam os cidadãos que não aceitam estes valores característicos de uma pré-modernidade. Para a prática destas esferas, é necessário manter um elevado grau de pessoas fora do sistema produtivo e educacional, "preguiçosas" – como as definem os representantes das empresas - (E.28) e pouco qualificadas profissionalmente para que sejam mantidos os privilégios de uma exploração feroz. Por sua vez, estas pessoas têm baixa capacidade técnica para apresentar propostas e projetos de desenvolvimento. O círculo da "responsabilidade social das empresas" está fechado: "Não se financiam projetos, porque os cidadãos não os apresentam". Mas as empresas esquecem que ninguém se preocupa em formar os cidadãos para que apresentem propostas econômicas viáveis.

Neste contexto, a família aparece como um microcosmos. As relações familiares são especialmente simbólicas. A figura paterna é um símbolo muito marcado na hora de se repartir as tarefas domésticas. E este símbolo é refletido em outras esferas: "A personificação de família patriarcal mostra, por um lado, sua força e domínio através de uma oligarquia econômica, política e social; por outro lado, este mesmo poder mostra-se como o grande protetor dos fracos e subjugados", afirma KOGA (2003, p. 40). Por sua vez, são muitas as mulheres jovens que seguem o modelo patriarcal imposto: "As mulheres procuram um bom casamento; abandonam seus estudos profissionalizantes financiados pela prefeitura para se casar".

O fenômeno analisado gira em torno de quatro categorias centrais: a primeira é representada pelas empresas instaladas no município; a segunda é o tipo de trabalho (nas empresas ou dentro do lar); a terceira se refere à política trabalhista destas empresas; e a quarta se baseia nas ações coletivas dos afetados.

Os municípios estudados sofreram enormes mudanças nos últimos anos, que atingiram as esferas sociais. A partir do esquema inicial da pesquisa de "esferas", o nível da "atividade situada" compreende a esfera relacional ou o posicionamento histórico da sociedade civil. Nesta esfera, surgem as perguntas: qual a intensidade das mudanças? Qual é a qualidade das conseqüências destas

mudanças? Ambas perguntas fazem parte do que alguns cientistas denominam “os riscos do processo de modernização”. As mudanças que se produzem nesta esfera se refletem nas outras: a esfera familiar, a esfera estatal e a esfera relacional. A esfera familiar é especialmente sensível a estas mudanças. As conseqüências destas mudanças no mercado de trabalho ultrapassam os limites do Estado de Pará, já que “a precariedade está hoje por toda a parte” (BOURDIEU, 1998, p. 120), afetando “não apenas o setor privado, mas também o setor público” (...) “a precariedade se inscreve num modo de dominação de tipo novo, fundado na instituição de uma situação generalizada e permanente de insegurança” (ibid, p. 124).

Estes riscos são percebidos pelos atores coletivos que são os sindicatos de trabalhadores, as colônias de pescadores, as organizações não governamentais ambientalistas e as associações de remanescentes de quilombos. Todos se encontram submetidos e confrontados às constantes mudanças que têm lugar na esfera mercantil.

No entanto, todos os dados expostos ainda não tornam claros os elementos causais do problema e suas interconexões. Para compreender as atitudes de participação, de ação coletiva, de crenças e passividade, da esperança “de um futuro melhor, se Deus quiser”, como manifestam alguns entrevistados, dos processos de desintegração social e de violência social, de desemprego, de exclusão econômica, social e política dos habitantes da Amazônia Oriental, é necessário estabelecer um nível abstrato e amplo, de análise da realidade, que possa explicar a complexidade a partir da diferenciação das esferas sociais e políticas.

Os fenômenos e os problemas mencionados não são exclusivamente dos habitantes da Amazônia. Qualquer sociedade industrial avançada se encontra submergida neles, ainda que em diferentes níveis e intensidade como mostram diferentes estudos (HEITMEYER, 1997; GIDDENS, BECK, LASCH, 1995).

Habermas, em seus últimos estudos, propõe uma distinção analítica para compreender os processos de modernidade e desintegração que vivem as sociedades industriais avançadas. Para isso, começa analisando a modernidade. Como se indicou, trata-se de uma estratégia de teorização a partir da indução analítica. Para compreender a amplitude destes fenômenos devemos recorrer à configuração de sistemas proposta pelo filósofo Habermas.

Habermas faz a distinção analítica baseada na diferenciação entre a esfera de “mundo vivido” e a de “sistema”. A partir da análise dos dados obtidos se pode observar algumas tendências. A esfera do “mundo vivido” é composta por três subsistemas: “cultural”, “social” e o de “personalidade”. Por outro lado, a esfera “sistema” é constituída pelo “subsistema Estado” e o “subsistema poder”, que possuem princípios próprios.

Cada um destes subsistemas funciona por princípios próprios que, segundo Habermas, são a verdade, a moralidade e a expressividade. Enquanto nas sociedades industriais avançadas se constata uma dissociação entre a esfera de mundo “vivido” e a de “sistema”, que compreende o Estado e o poder, entendendo-se este como a economia de mercado. Este último subsistema aparece controlado por uma minoria de burocratas e tecnocratas incapaz de calcular os “riscos de suas decisões” (BECK) sobre a esfera do “mundo vivido”.

A partir do modelo social proposto por Habermas, pode-se constatar, que, enquanto nas sociedades industrializadas modernas observa-se uma dissociação entre as esferas do “mundo vivido” e de “sistema”, nas sociedades dos municípios estudados mal existe diferenciação entre a subesfera de “Estado” e a de “poder”. Por sua vez, estas duas subesferas atuam como uma só na colonialização e opressão da esfera do “mundo vivido”.

O controle a que são submetidos as famílias e os cidadãos por parte do “Estado” e do “poder” manifesta-se nos seguintes elementos:

- Pouca credibilidade na subesfera “Estado”, mas, ao mesmo tempo, pouca predisposição para construir um poder alternativo.
- Existência de medo às mobilizações e à ação coletiva, devido às possíveis perdas físicas e materiais. Possivelmente a seguinte afirmação de um líder sindical ilustra esta tese: “O povo vota pela questão da necessidade, da barriga. Eu te dou um quilo de açúcar pra que tu votes em mim. Então ele vota pela barriga. (...) O voto é livre.” (E.28, Sindicato de Trabalhadores da Indústria de Construção e do Mobiliário de Oriximiná e Faro).
- Existência de um bairrismo local, impulsionado pela esfera econômica, em torno de aspectos de funcionalidade integradora: “As maiores empresas do mundo” ou “A MRN está com os trabalhadores no Primeiro de Maio e deseja um show para a Seleção” (anúncio publicitário da empresa Mineração Rio do Norte)

O objetivo desta pesquisa é analisar, a partir de uma estratégia indutiva e do marco teórico proveniente basicamente do construcionismo social, amplamente exposto por Giddens (1976,1984) e Bourdieu (1989), os aspectos subjetivos da vida cotidiana dos atores e suas estratégias frente às mudanças sócio-econômicas impostas pela dinâmica capitalista. Portanto, este estudo não pretende verificar empiricamente a partir de uma estratégia hipotético-dedutiva a suposta validade dos pressupostos da nova divisão do trabalho - os quais compartilho em grande parte - ou mesmo a categoria de trabalho no atual debate neomarxista, senão fundamentalmente analisar a subjetividade dos atores a partir da “subjetivização das estruturas”.

A partir do debate epistemológico apresentado nesta pesquisa, a estratégia indutiva da análise qualitativa de teorização, utilizada como opção metodológica, pretendeu estabelecer a conexão entre os níveis macro e microsociais fortemente determinados pelo debate teórico entre a estrutura e a ação. Os fenômenos e aspectos macrossociais se centram numa aproximação por parte dos agentes sociais no campo das estruturas. Neste nível macro, a operacionalização se realizou a partir da categoria “atividade situada” que incluiu os elementos históricos da atividade. Os aspectos e fenômenos micro ou a vida social das pessoas referem-se à ação, isto é, ao significado que dão às relações, operacionalizando-se a partir da categoria “subjetivização da atividade”.

A contribuição ao conhecimento do objeto de pesquisa estudado e da estratégia e análise utilizada consistiu fundamentalmente, no nível macro, em ressaltar as estratégias dos atores coletivos

frente às mudanças sócio-econômicas que têm lugar na esfera mercantil e na também na estatal, representada pelo poder político municipal. No nível micro, o estabelecimento de pautas recorrentes nas estratégias de geração de renda na esfera doméstico-familiar diante destas mudanças econômicas e sociais e de um mercado de trabalho em constante transformação, permitiu se fazer uma aproximação do processo de mudança social aos valores representados pela modernidade.

ESTUDO 2

RELACIONAMENTO ENTRE VAREJO E INDÚSTRIA: UM ESTUDO SOBRE O MODELO BRASILEIRO

Silvio Abraão Laban Nítido

RESUMO DA PESQUISA

O estudo parte da incipiente pesquisa sobre as complexas relações entre o varejo e a indústria e da necessidade acadêmica de se analisar diversos aspectos relacionados, mas ainda pouco estudados, sobre os contextos cultural, social, econômico e competitivo dessas relações.

JUSTIFICATIVA

O estudo se inicia com pesquisa bibliográfica prévia aos passos estabelecidos pela *Grounded Theory*, realizada no Banco de Tese e de Dissertações da Capes. A pesquisa mostra que, de 1992 a 2001, apenas 29 dos 374 trabalhos publicados sobre marketing - ou seja, 7,8 % - estão relacionados com a distribuição e as relações.

Da perspectiva da prática administrativa, parte-se da hipótese da existência de alterações na estrutura dos canais de negociação e de dificuldades em se estabelecer relações mais colaborativas neste âmbito no Brasil.

Parte-se da prática da gerência a partir de quatro premissas:

- 1) Especula-se a em relação à necessidade de evolução das relações no sentido de uma maior colaboração entre os diferentes níveis de um setor, como, por exemplo, o automobilístico.
- 2) Parte-se da necessidade de se estabelecer vínculos de cooperação com outros países como, por exemplo, os da União Européia, onde existem diversos meios para se estabelecer relações estáveis a partir de associações supranacionais como a *Efficient Consumer Response* (ECF) ou a *Global Commerce Initiative* (GCI).

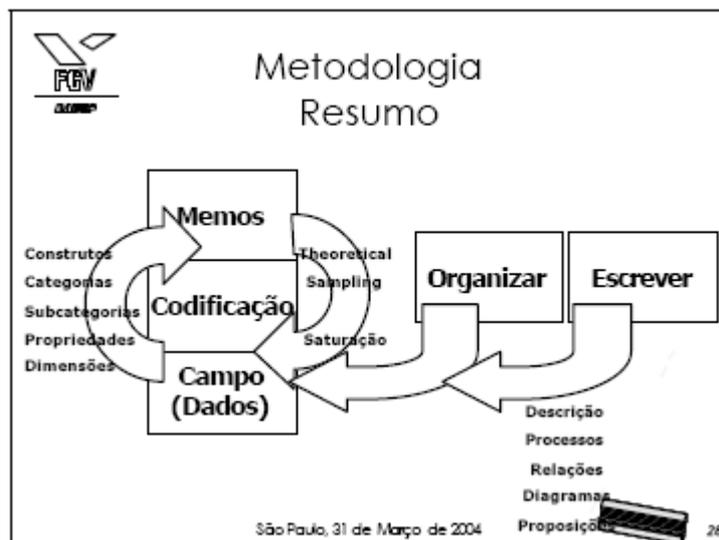
- 3) No caso do Brasil, as associações supranacionais empresariais não despertam o mesmo nível de interesse. Surge, então, a pergunta: É o contexto cultural determinante assim como o nível de desenvolvimento econômico do país?
- 4) Análise explícita do contexto brasileiro: relações conflituosas e baixo nível de confiança e compromisso entre as partes interessadas.

O objetivo da pesquisa é investigar o estágio do relacionamento entre varejo e indústria no contexto brasileiro, propondo indicações que permitam evoluir para a teoria e prática gerenciais. Os objetivos específicos propostos são os seguintes:

- 1) Mapear o estágio atual dos relacionamentos entre varejo e indústria no Brasil.
- 2) Comparar o estágio do relacionamento entre varejo e indústria no Brasil com outros países.
- 3) Propor modelo de relacionamento considerando as especificidades relacionadas ao contexto brasileiro.
- 4) Desenvolver recomendações práticas que permitam melhorar o relacionamento entre varejo e indústria no Brasil.
- 5) Especular a respeito do futuro deste relacionamento.

A etapa seguinte da pesquisa consiste num levantamento bibliográfico preliminar em que são expostos alguns aspectos referentes à temática a ser investigada tais como a tipologia e formas que adquire o varejo, a tipologia de indústrias a se analisar e o contexto brasileiro de varejo e indústria na área de São Paulo.

Figura 5. Metodologia da investigação.



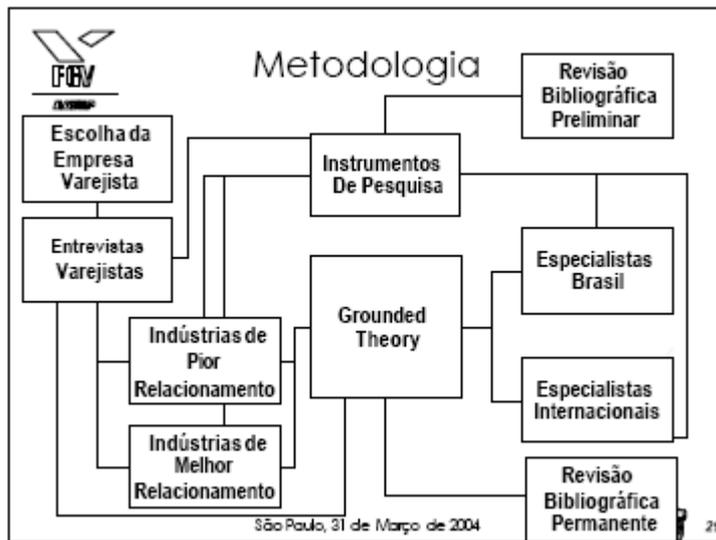
Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

FASES DE PESQUISA

Estabelecem-se 14 etapas de trabalho:

- I) Revisão da literatura dos canais de distribui o.
- II) Revisão dos conceitos de marketing de relacionamento no contexto do canal de distribui o.
- III) Revisão dos modelos do relacionamento identificados como relevantes.
- IV) Revisão do conhecimento sobre varejo no Brasil.
- V) Revisão dos principais modelos de relacionamento, seus antecedentes e conseq ncias.
- VI) Revisão de aspectos relacionados  imersão dos relacionamentos nos contextos social, cultural, político e econômico.
- VII) Elaborac o dos instrumentos de pesquisa para a condu o da pesquisa empírica.
- VIII) Realiza o de pesquisa empírica da rela o entre varejistas e indústrias.
- IX) Realiza o de pesquisa empírica com indústrias.
- X) Realiza o de pesquisa empírica com especialistas.
- XI) Análise dos resultados da pesquisa.
- XII) Documentar as contribui es teóricas.
- XIII) Documentar sugestões para aprimorar as rela es entre o varejo e a indústria.
- XIV) Desenvolver previsões sobre o futuro do relacionamento entre indústria e varejo.

Figura 6. Estrutura da metodologia de investigação.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Vozes, Petrópolis, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

FRIEDRICH, Jurgen. **Methoden empirischer Sozialforschung**. Opladen, Westdeutscher Verlag, 1985.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Bookman, 2004.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm.L. **Discovery of grounded theory**. Chicago, Aldine, 1967.

GLASER, Barney. **Basics of grounded theory analysis**. Sociology Press, Mill Valley, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2004.

GOULDING, Christina. **Grounded Theory. A practical guide for management, business and market researches**. Thousand Oaks, Sage, 2002.

HABERMAS, Jurgen. **Theorie des Kommunikativen Handelns. I – II. Suhrkamp**. Frankfurt, 1987.

HILLMAN Karl-Heinz; PONT VIDAL, Josep. **Diccionario Enciclopédico de Sociologia**. Barcelona, Herder, 2001.

HOFFMANN-RIEM, “**Die Sozialforschung einer interpretativen Soziologie: Die Datengewinn**”
In: Kolner Zeitschrift fur Soziologie und Sozialpsychologie, 32. 1980, pp. 339-372.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

LAYDER, D. **New Strategies in Social Research**. Cambridge, MA, Polity Press, 1993.

LIPIETZ, A.; LEBORGNE, D. “**O pos-fordismo e seu espaço**”, In: Revista Espaço & Debates. Num. 25. São Paulo, 1998, pp.12-27.

LOPEZ DE SOUZA, M.J. “**Complexidade. O novo paradigma das Ciências Naturais e sua contribuição para os estudos sobre desenvolvimento**”. In: Novos Cadernos NAEA, vol. 1 n. 1, Junho, 1998. Belém, p. 111-124.

MUCCHIELLI, Alex. **Diccionario de Métodos Cualitativos en Ciencias Humanas y Sociales**. Editorial Síntesis. Madrid, 2001.

PAILLÉ, P. “**L’analyse par theorisation ancrée**”. In: Cahiers de recherche sociologique, num 23. p. 147-181, 1994.

PEIRCE, Charles Sanders. **Deducción, inducción e hipótesis**. Buenos Aires. Aguilar, 1970.

PONT VIDAL, Josep. **A realidade social é externa ao indivíduo? Uma aproximação à pesquisa qualitativa**. Papers do NAEA, n.203, UFPA, Belém, 2006.

PONT VIDAL, Josep. **Trabajo y Relaciones Laborales en los “enclaves” minero-metalúrgicos de la Amazonia**. Papers do NAEA, n.195, UFPA, Belém, 2006.

PONT VIDAL, Josep. **Sociología de la Educación**. Valencia, La Nau Llibres, 1999.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research**. Newbury Park, CA, Sage, 1990.

STRAUSS, Anselm. **The Chicago tradition’s ongoing theory of action/interaction**, p. 3-32.

STRAUUS, A. (Hg.) **Creating sociological awareness: collective images and symbolic representations**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1991.

STRUBING, Jorg. **Grounded theory. Zur sozialtheoretischen und epistemologischen Fundierung des Verfahrens der empirisch begründeten Theoriebildung**. Wiesbaden, Verlag für Sozialwissenschaften/GWW Fachverlage. 2004.

TAYLOR, S.J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona, Ed. Paídos, 2000.

VALLES, Miguel. **Técnicas Cualitativas de Investigación Social. Reflexión metodológica y práctica profesional**. Madrid, Editorial Síntesis, 1997.

YIN, Robert. **Estudo de caso. Planejamento e métodos**. Porto Alegre, Bookmann, 2001

Referências consultada:

ASSIS COSTA, Francisco de. (Org.) **Agricultura familiar em transformação no nordeste paraense**. Belém, NAEA, 2000.

BRUSEKE, F.J. **Desenvolvimento sustentável: um desafio para as ciências**. Belém, Paper NAEA/UFPA, n. 25. 1994.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o saber**. Campinas, Papirus, 1988.

COLAS BRAVO, Ma. Pilar. **La metodología cualitativa**. In: PILAR BRAVO, Ma.; BUENDIA, L. *Investigación Educativa*. 1994.

CRIROT, David. **Social change in the twentieth century**. New York, Hartcourt Brace Jovanovich. 1977.

DIEGUES, António Carlos (org.). **Etnoconservação. novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo, Annablume Editora, 2000.

FERNANDES, Marcionila; GUERRA, Lemuel (org.). **Contra-discurso de desenvolvimento sustentável**. Belém, UNAMAZ, 2003.

HEITMEYER, Wilhelm. **Was treibt die Gesellschaft auseinander?**. Suhrkamp, Frankfurt, 1997.

HELLER, Agnes (et.al.). **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 1999.

HENRIQUE CARDOSO, Fernando. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo, ed. Brasiliense. 1977.

MONTEIRO, M de Abreu. **Mineração e metalurgia na Amazônia. Contribuição da ecologia política e valorização de recursos minerais da região.** Tese de doutorado, NAEA-UFPA, 2001.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento, crescer sem destruir.** Tradução de Eneida Cidade Araújo. 2a edição. São Paulo, Vértice, 1986.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo, UNESP, 1995.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social.** Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio Janeiro, Civilização Brasileira, 1998 (1993).

Revisão de texto: Cary John Rocha de Oliveira